

Como são as redes de indivíduos em situação de pobreza no Brasil urbano?

Resumo

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa recente sobre redes sociais de indivíduos pobres em São Paulo. A pesquisa levantou e analisou as redes de 209 indivíduos pobres que habitam sete espaços submetidos a diferentes graus de segregação residencial, assim como trinta indivíduos de classe média. O presente trabalho apresenta as principais características das redes, assim como explora o padrão de intensa variação observada nas redes, mesmo entre indivíduos pobres. Os resultados indicam a existência de padrões claros de variação das redes segundo tamanho, estrutura, inserção urbana, além da sociabilidade nelas contida, levando à construção de uma tipologia das redes e das sociabilidades. A associação entre segregação social no espaço e redes refuta a existência de efeitos diretos da primeira sobre as segundas, mas sugere que as redes efetivamente podem conectar uma parcela dos indivíduos espacialmente isolados pela segregação, mas apenas para uma parte reduzida das pessoas em situação de pobreza.

Como são as redes de indivíduos em situação de pobreza no Brasil urbano?

As redes sociais têm sido citadas intensamente pela sociologia urbana e pelos estudos sobre pobreza como uma das dimensões importantes para a produção de capital social e para as situações de pobreza urbana. Também têm sido indicadas como um dos principais elementos que explicam dinâmicas comunitárias fundamentais para a sociabilidade local. Embora por vezes de maneira implícita, considera-se que a segregação influencia as redes, tendendo a isolar socialmente os indivíduos mais segregados espacialmente.

Apesar da importância dessas dimensões, são raros os trabalhos que analisam empiricamente características das redes, assim como suas consequências para as situações de pobreza. O presente artigo apresenta uma parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla que investigou redes sociais de indivíduos em situação de pobreza urbana em São Paulo submetidos a diferentes situações de segregação, especificando as características das redes, as suas consequências para a pobreza, assim como os mecanismos que mediam a ocorrência de tais consequências. O presente artigo apresenta uma caracterização geral dessas redes, incluindo a interação dessas com a segregação social no espaço, entendida como separação dos grupos sociais em espaços relativamente homogêneos internamente¹. Como veremos, o padrão encontrado é bastante heterogêneo, embora seja possível delimitar padrões claros por trás de tal variabilidade. No que diz respeito à segregação, o artigo refuta a existência de uma relação mecânica sobre as redes, mas indica que certos tipos de redes ajudam a conectar alguns indivíduos segregados, embora outras pessoas estejam efetivamente submetidas a isolamentos cumulativos de natureza social e espacial.

O artigo está dividido em 3 partes, além dessa introdução e da conclusão. Na primeira seção, resumo as principais contribuições sobre o tema, menos com o objetivo de resenhar o debate, e mais de forma a construir conceitualmente o objeto estudado, assim como descrevo a pesquisa realizada. Na seção que se segue, apresento as principais características das redes e as comparo com as de classe média. Dado que a heterogeneidade das redes é um dos principais resultados obtidos, exploro na terceira seção a sua variação através da realização de tipologias das redes e da sociabilidade dos indivíduos, cruzando-as

¹ Para o restante dos resultados remeto o leitor para Marques (2009).

em seguida, de forma a especificar as situações relacionais existentes. Ao final, resumo os principais resultados encontrados.

1. Conceituando redes e apresentando o desenho da pesquisa

A análise de redes sociais é um campo de estudo relativamente recente, que parte da premissa de que o centro das atenções da análise social deve estar nas relações, e não nos atributos das entidades sociais (Emirbayer, 1997). Embora a idéia remonte à mesma ontologia social considerada por clássicos como Simmel (1973 [1902]) e Weber (1999 [1922]), o desenvolvimento de um instrumental de análise e de um método a partir dos anos 1930, mas em especial desde os anos 1970 (Freeman, 2004), permitiu que se avançasse analiticamente para além das metáforas, e se investigasse sistematicamente os efeitos dos padrões de relações entre entidades sociais sobre inúmeros fenômenos sociais. Essas entidades podem incluir qualquer potencial agente social, tais como indivíduos, grupos, movimentos e organizações, por exemplo, e considerar como relações a circulação de bens materiais como dinheiro, pessoas e recursos, e de elementos imateriais como idéias, afeto etc.

Em termos de métodos, essa literatura usa duas formas para investigar os padrões de vínculo: através das chamadas redes totais, estudando parcelas ou redes inteiras de contextos sociais específicos, ou através de redes pessoais, que incluem os contatos da sociabilidade de cada entidade social.

Na primeira linha de análise, o desenho de pesquisa tenta dar conta das relações consideradas como importantes em um dado contexto social, sendo os limites construídos analiticamente considerando uma certa circunscrição setorial específica da realidade social. Isso abrange uma vasta gama de estudos incluindo estudos de organizações como as dinâmicas internas de agências estatais e suas políticas (Laumann e Knoke, 1987 e Marques, 2000 e 2003), as interações de organizações em estruturas de lobby (Heinz et. al., 1997) ou os comitês gestores de bacia (Schneider et. al., 2003). Além disso, podem ser estudadas comunidades específicas delimitadas temática ou fisicamente, como as relações de amizade no interior da elite financeira (Kadushin, 1995), as redes empresariais em São Paulo (Toledo, 2005), a rede da elite política paranaense (Nazareno, 2004), as redes de músicos e as transformações dos estilos musicais (Kirschbaum, 2006), as redes entre associações civis (Gurza Lavalle et al., 2007), as redes pessoais no interior de uma unidade produtiva (Silva, 2003) ou as redes locais em uma favela sob intervenção do poder público (Pavez, 2006). Por fim, e analisando as dinâmicas políticas e sociais em um sentido mais amplo, os estudos podem enfocar campos de ação política e social tão distintos como a consolidação de um

partido político em nível nacional (Hedstrom et al., 2000), as relações sexuais entre adolescentes (Bearman et. al., 2004) e as mobilizações estudantis (Mische, 2008).

Outra forma de abordar a questão, entretanto, está em investigar redes individuais, centradas conceitual e empiricamente em torno de indivíduos específicos, denominados egos. Nessa linha de análise se inscrevem estudos tão diferentes quanto os de Beggs (1986), que comparou redes de contextos urbanos e rurais, de Moore (1990), que realizou a mesma tarefa mas com redes de homens e mulheres, de Grossetti (2005), que investigou as origens sociais dos vínculos, de Bidart e Lavenu (2005) sobre os efeitos do ciclo de vida e de eventos sobre as redes, de Campbell e Lee (1992) sobre integração social e redes e de Jariego (2003) sobre a integração de imigrantes internacionais. No caso do Brasil, os estudos sobre redes pessoais são ainda mais escassos do que os sobre redes totais, com as exceções de Soares (2009) a respeito dos efeitos de políticas de remoção habitacional sobre as redes dos moradores e de Fontes e Eichner (2004) sobre redes pessoais em uma favela no Recife.

Em um sentido estrito, as redes individuais são um caso particular de rede de contextos sociais específicos, quando se considera como contexto a sociabilidade de um dado indivíduo. Estas, entretanto, apresentam particularidades conceituais e metodológicas. Embora as redes sociais que estudamos sempre representem recortes analíticos de contextos relacionais mais amplos, no caso das redes individuais é maior o grau de artificialidade do exercício analítico (necessário) de as “recortar” dos contextos em que se inserem. Entretanto, também nesse caso a ontologia considerada é inteiramente relacional, e os recortes são apenas artifícios de método para viabilizar a investigação.

Quando se considera apenas as relações diretas do indivíduo e as eventuais relações entre seus contatos primários, ou seja, apenas as relações diretas a no máximo um passo de distância do ego, trabalhamos com as chamadas redes egocentradas. A maior parte dos estudos de redes individuais existentes trabalha com esse tipo de rede, em especial pelo fato dessas redes poderem ser reproduzidas a partir de dados de pesquisas por amostragem.

Outra estratégia de análise das redes individuais é considerar redes pessoais, construídas sem que se limite previamente a extensão da rede, sendo levantadas as relações do ego e os vínculos entre quem se relaciona com ele indiretamente, sem limitar previamente a distância, tendo sempre a sociabilidade do ego em mente. A consideração das redes pessoais evita os problemas causados pela limitação apriorística dos vínculos contida na estratégia das redes egocentradas, embora apresente dificuldades para a produção de pesquisas representativas de populações.

Nessa pesquisa, optei por analisar redes pessoais e não redes totais ou redes egocentradas em indivíduos, visto que considero que uma parcela importante da

sociabilidade que influencia a pobreza e as condições de vida é centrada no indivíduos (diferente das primeiras), mas ocorre a distâncias maiores do ego do que o seu entorno imediato (diferente das segundas). Essa decisão se mostrou acertada, pois as redes encontradas na pesquisa variaram entre cinco e 148 nós, variabilidade que não poderia ser captada por redes egocentradas.

A pesquisa envolveu o levantamento das redes pessoais de 209 indivíduos que habitam sete diferentes localizações de pobreza em São Paulo – cortiços na área central, uma favela em área de classe média (Jaguaré), uma favela em área de classe alta (Paraisópolis), uma favela de periferia (Vila Nova Esperança, em Taboão da Serra), um conjunto habitacional de periferia (Cidade Tiradentes), uma área periférica mista de loteamento irregular e favela (no Jd. Ângela) e uma favela em um distrito industrial (Guinle, em Guarulhos). A escolha dos locais visou construir uma amostra intencional das situações habitacionais e de pobreza presentes na metrópole, sendo realizadas 30 entrevistas por local entre setembro de 2006 e agosto de 2007. Para constituir um padrão de comparação, levantei 30 redes de indivíduos de classe média, utilizadas como referência para o estudo das demais redes.

Em cada um desses locais foram realizadas entrevistas egocentradas² com um questionário semi-aberto e um gerador de nomes. A escolha dos entrevistados em cada campo ocorreu de forma aleatória ao longo de percursos pelos locais estudados, sendo os indivíduos abordados nos espaços públicos ou na entrada de suas casas, tanto em dias de semana quanto durante fins de semana. Em alguns casos, a entrada nos locais de estudo foi mediada por informantes de pesquisas anteriores ou membros dos movimentos associativos locais. Ao longo do trabalho de cada campo, a amostra de entrevistados foi controlada por alguns atributos sociais básicos como sexo, idade, status migratório e ocupacional e área de moradia no local estudado. Esse controle objetivou garantir uma proporcionalidade razoável com as características médias da população local e evitar a constituição de vieses. A comparação entre as características dos entrevistados e da população estudada sugere que esse objetivo foi alcançado com bastante sucesso.

A classe média foi definida de maneira ampla, mesclando critérios de rendimento com ocupação, e incluiu profissionais liberais, funcionários públicos, pessoas envolvidas com atividades intelectuais e donos de estabelecimentos comerciais de certo porte. A delimitação do grupo não seguiu maiores preocupações conceituais ou metodológicas, visto que o objetivo dessas entrevistas era apenas constituir um padrão de comparação para a análise das redes de indivíduos em situação de pobreza.

² Entrevistas em que se pergunta a um dado ego sobre a sua própria rede e sociabilidade.

Essas informações foram posteriormente tratadas com ferramentas de análise de redes sociais, resultando em 239 redes pessoais. Em seguida, explorei diversas características das redes dos indivíduos em situação de pobreza, acessando seus principais condicionantes e os processos que influenciam a sua formação e dinâmica, comparadas com as redes de classe média. Foram estudados os processos de criação e rompimento de vínculos, as dinâmicas da homofilia³ e os condicionantes sociais da construção e manutenção de redes. A homofilia se refere à situação em que os envolvidos em uma diade têm uma mesma característica, qualquer que seja ela, como sexo, cor da pele, classe social, local de moradia, etc (McPherson et al., 2001). As redes variam segundo diversos atributos e variáveis específicas, incluindo sexo, ciclo de vida, status migratório e ocupacional, entre outros. De uma forma geral, praticamente inexistem relações dos indivíduos com pessoas de grupos sociais e de renda diferentes dos seus. Essa é talvez uma das mais importantes características dessas redes para a reprodução da pobreza e da desigualdade social. Naturalmente, a questão não se origina nas redes, mas representa apenas uma faceta relacional da estrutura social.

Posteriormente, escolhi um conjunto de redes para empreender a parte qualitativa da pesquisa, combinando tipos de redes, campos estudados e características pessoais dos entrevistados. Foram realizadas entrevistas qualitativas com vinte indivíduos, explorando as transformações das redes desde as primeiras entrevistas, assim como a sua utilização pelas pessoas no cotidiano para a solução de problemas. Esses dados me permitiram compreender a dinâmica dos padrões relacionais e a sua mobilização pelos indivíduos, assim como delimitar mecanismos sociais responsáveis tanto pela constituição e transformação das redes, quanto pela sua mobilização pelos indivíduos em suas práticas.

Neste artigo são apresentadas as características e a variabilidade das redes.

2. As redes e a sociabilidade dos indivíduos em situação de pobreza

Para cada rede foi gerado um conjunto de medidas. Medidas de rede apontam para características dos padrões relacionais, de forma a que seja possível analisar as posições e a sua estrutura, assim como compará-las entre si. Dado o sentido do presente trabalho, os detalhes técnicos e operacionais para a produção das medidas importam pouco, sendo muito mais importante termos em mente o seu significado em relação aos processos sociais

³ A homofilia descreve a situação em que os envolvidos em uma dada relação tem um mesmo atributo. Cada atributo, portanto, define um tipo de homofilia, como de sexo, de idade, de cor da pele etc.

envolvidos⁴. Foram geradas dezoito medidas consideradas como indicadores de tamanho, coesão, conectividade, formação de grupos, atividade relacional, estrutura da rede egocentrada, variabilidade da sociabilidade e localismo⁵. Várias delas se encontravam altamente correlacionadas entre si, sendo fundamental determinar as dimensões sociais singulares subjacentes aos dados. A análise dos padrões de associação entre elas indicou como as mais importantes dimensões das redes o seu tamanho (medido pelo número de nós), a variabilidade da sociabilidade (medido pelo número de esferas de sociabilidade) e o seu localismo (medido pela proporção de indivíduos de fora do local de moradia)⁶. As esferas de sociabilidade são “espaços” da sociabilidade, cognitivamente definidos. Não se trata da delimitação de tipos de vínculo, nem tampouco espaços físicos, mas partes da sociabilidade dos indivíduos conforme compreendida por eles (Marques, 2009).

Vale registrar as diferenças consideradas aqui entre localismo e segregação, ambas dimensões espaciais das redes. O localismo é uma característica de cada rede, associada à proporção do padrão relacional ocorrido no local de moradia ou fora dele. Tecnicamente, trata-se de um tipo de homofilia – de local de moradia. A segregação, diferentemente, é uma característica da distribuição dos grupos sociais no espaço, relativa à existência de homogeneidade e separação entre grupos no território da cidade (Marques, 2005). As redes podem variar segundo várias clivagens (como gênero e idade), inclusive o grau de segregação do local de moradia. De forma a compreender o fenômeno, tratei o localismo das redes de forma similar às demais características das redes, observando a sua variação segundo a segregação do local de moradia.

Observemos então as características gerais das redes. As redes dos indivíduos em situação de pobreza tinham em média 53 nós. No conjunto da amostra, entretanto, as redes variavam entre quatro e 179 nós. O número de vínculos seguia o mesmo caminho, com média de 107 e amplitude total entre sete e 449. O grau médio (média de vínculos por nó) era de pouco menos do que 2, o índice de clusterização (que indica a formação de grupos

⁴ Para medidas e procedimentos, v. Scott (1992), Wasserman e Faust (1994), Hanneman e Riddle (2005) e Borgatti, Everett e Freeman (2002).

⁵ As medidas geradas foram: nº de nós; nº de vínculos; densidade; diâmetro; índice de centralização; coeficiente de clusterização; 2-clans/nós; 3-clans/nós; nº de esferas; nº de contextos; E-I de esferas; E-I de contextos; tamanho eficiente; densidade da rede ego (essas duas testando os efeitos dos buracos estruturais); grau médio; informação; % de fora; E-I de local.

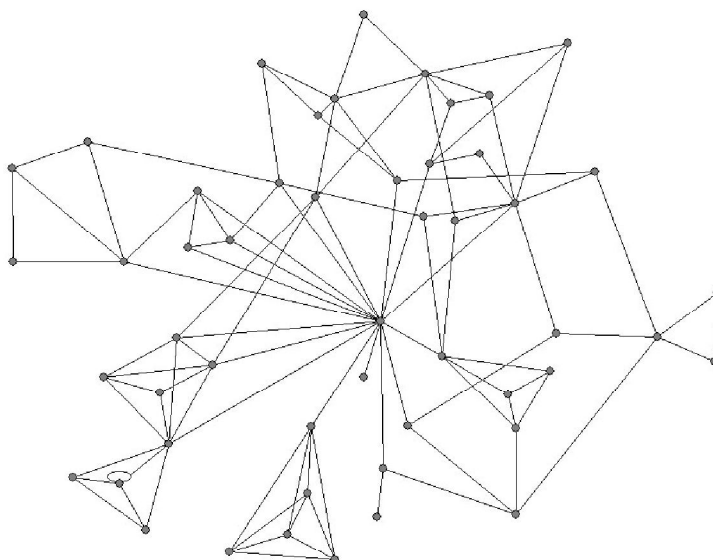
⁶ Para a análise das associações e a determinação das dimensões sociais envolvidas foi realizada uma análise fatorial por componentes principais. O estudo dos dezoito indicadores indicou a existência de cinco fatores com autovalores superiores a 1, explicando 73,3% de variância. Além das três dimensões citadas (que explicam respectivamente 25,6; 20,3 e 13,5% da variância), apareceram com importância menor a estrutura da rede egocentrada (medida pelo tamanho eficiente de Burt) e a atividade relacional (medida pelo grau médio). Essas duas dimensões (que explicam respectivamente 7,3 e 6,6% da variância), entretanto, se mostraram irrelevantes nas análises posteriores da heterogeneidade e dos efeitos das redes sobre a pobreza, razão pela qual me concentro nas três primeiras.

coesos) de 0,46 e a centralização (que indica o quão centrada no ego é a rede) de 37%. O diâmetro médio (distância máxima entre nós) era de 6,3 passos e a densidade média (proporção dos vínculos possíveis que são observados) era de 0,104.

A presença de conterrâneos nas redes era de 8% das redes e a homofilia de gênero média (proporção de homens nas redes de homens e de mulheres nas redes de mulheres) era de 62%. A presença de pessoas externas ao local estudado era de 37% em média, embora variasse de 24% em Paraisópolis e 27% no Jaguaré a aproximadamente 50% nos cortiços da área central e na Vila Nova Esperança. Nesse sentido, as informações indicam maior localismo médio em locais menos segregados, contrariamente ao que seria de se esperar partindo de uma relação direta entre segregação e redes. Além disso, dentre os indivíduos que trabalhavam, 62% o faziam fora da comunidade, confirmando que se a sociabilidade está no local, as oportunidades tendem a se localizar em outros lugares.

Apenas a título de exemplo, apresento a seguir o sociograma da entrevistada 164 com características muito próximas das médias – 51 nós, 103 vínculos, grau 2, centralização de 13% e clusterização 0,50. Trata-se de uma moradora de Cidade Tiradentes de 46 anos, migrante, casada há 23 anos e que se encontrava desempregada no momento da entrevista.

Figura 1. Sociograma da entrevistada 164



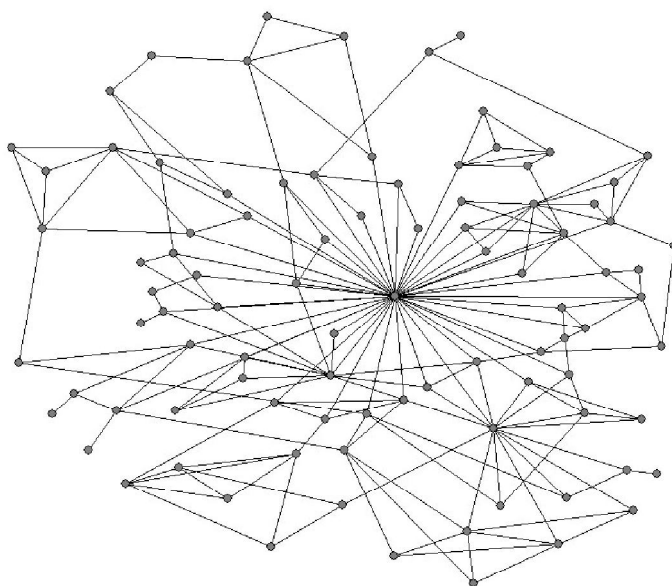
Fonte: Elaboração própria a partir de material empírico coletado.

Os indivíduos de classe média, por outro lado, tinham redes muito diferentes. O tamanho médio era 94 nós e 183 vínculos, números substancialmente mais altos do que nos

indivíduos em situação de pobreza, embora a variação também fosse grande entre indivíduos - entre 26 e 239 nós. As redes tinham diâmetro médio de 7,4 passos e grau médio de dois vínculos, similar ao das redes das áreas pobres. O coeficiente de clusterização era de 0,52 e de centralização 42%. As redes de classe média, portanto tendiam a ser bem maiores e levemente mais coesas⁷.

A figura a seguir apresenta a título de ilustração um caso de classe média próximo dos valores médios referidos. Trata-se do caso 93, uma mulher de 38 anos casada e que trabalha no setor administrativo de uma organização de pequeno porte. Como podemos ver comparando com a figura anterior, a rede é substancialmente maior, mais complexa e centrada no ego.

Figura 2. Sociograma da entrevistada 93



Fonte: Elaboração própria a partir de material empírico coletado.

⁷ Vale registrar uma dimensão importante associada a uma clivagem entre redes de indivíduos que trabalham ou não em atividades associadas a comunidades profissionais, ao contrário de meramente a locais de trabalho. As comunidades profissionais são um tipo de esfera de sociabilidade de trabalho que inclui conjuntos de indivíduos e organizações associados entre si e engajados em determinadas práticas e identidades profissionais ligados a temas de atividade (Marques, 2000 e 2003). A maior parte das profissões, mesmo de classe média, envolve a existência apenas de locais de trabalho, que são espacialmente localizados e apresentam escala muito mais restrita do que as comunidades. Dentre os indivíduos que se inseriam em comunidades profissionais, a média de nós era de 131 contra 70 entre as pessoas com apenas locais de trabalho. A variabilidade da sociabilidade (medida pelo número de esferas diferentes) também era maior para os com em comunidades profissionais, mas as diferenças não eram significativas estatisticamente. Uma possível explicação para esse resultado é o fato dos trabalhos que envolvem comunidades profissionais precisarem manter vínculos ativos (ou latentes) por longos períodos, superpondo-se no tempo como camadas, cuja ativação mais intensa está separada no tempo, mas que coexistem no presente das redes. Apenas a realização de uma pesquisa específica permitirá especificar a importância desse mecanismo. O fenômeno é inexistente entre os indivíduos em situação de pobreza.

Além disso, as redes de classe média são basicamente associadas a pessoas de fora do local de moradia, nesse caso definido com certa região da cidade – cerca de 80% dos indivíduos presentes nessas redes moravam fora da região. O localismo, portanto, era muito menor do que o de indivíduos em situação de pobreza. As redes desse estrato social se coadunam com o que Wellman (2001) denomina de comunidades pessoais. Por outro lado, a proporção de conterrâneos era mais elevada do que nas redes de indivíduos em situação de pobreza – 11%, contra 8% dentre os indivíduos em situação de pobreza, apesar da proporção de entrevistados migrantes ser menor (27% contra 70% dentre os pobres), indicando a maior permanência de pedaços das redes prévias à migração. A homofilia de gênero, por outro lado, era menor do que no caso dos pobres – em média 55%, contra 62%.

Observemos agora a sociabilidade dos indivíduos pesquisados. O número total de esferas de sociabilidade era de 3,8, variando pouco entre os campos, embora entre os indivíduos tenha variado entre um e oito. A esfera com mais indivíduos proporcionalmente, em termos médios, era a da família, com 40%, seguida da vizinhança com 32%. O patamar médio das demais esferas era muito mais baixo, sendo de 9% da esfera trabalho, 6% da amizade, 5% da igreja, 3% de estudos e 2% de associações. A presença dessas esferas variava muito, de inexistente a praticamente toda a rede (97%).

Essa baixa presença em termos médios escondia variações significativas entre indivíduos, sendo suas variações chave para compreendermos a especialização das sociabilidades, para além das esferas da família e da vizinhança, que aparecem como denominador comum da sociabilidade. Assim, para 59 indivíduos, por exemplo, o trabalho inclui mais do que 10% da sociabilidade, enquanto para 29 deles inclui mais do que 20% dos nós de suas redes. Para 37 indivíduos, a esfera igreja inclui mais de 10% dos nós de sua rede, enquanto para dezessete inclui mais de 20%. Com estudos acontece algo parecido e apenas 28 indivíduos têm participações maiores que 10% dessa esfera de sociabilidade. Para vinte pessoas, por outro lado, a esfera lazer inclui mais de 10% dos nós. A sociabilidade em associações é mais restrita, e apenas quatorze indivíduos apresentam participações de mais de 10% dessa esfera.

O número médio de contextos originais dos vínculos era de 4,4, variando entre dois e nove⁸. As mais importantes origens de vínculos fora da família (27%) eram as redes (26%) e a vizinhança (29%).

⁸ O contexto captura a construção dos vínculos, levantando em que situação certa pessoa entrou na rede de dado ego.

Como seria de se esperar, a sociabilidade da classe média era bastante diversa da dos entrevistados em situação de pobreza. A classe média tinha redes com 5,5 esferas em média, sugerindo uma diversificação muito maior de sociabilidade nas redes de classe média.

A proporção de indivíduos na esfera da família não era muito diferente da encontrada nas redes de indivíduos em situação de pobreza - 35%, mas nas demais esferas as diferenças eram grandes. A esfera de trabalho incluía, em média, 26% dos indivíduos das redes e a da amizade 14%. Em seguida, em um patamar mais baixo se situavam a esfera dos estudos com 10%, do lazer com 6% e da vizinhança com 5%. Igreja e associações alcançavam menos do que 1% dos nós das redes. As informações das redes individualmente reforçam o padrão, visto que a esfera vizinhança tinha valores não zero em apenas 30% das redes, e a da igreja em apenas 2% dos casos. A participação do trabalho, por outro lado, variava de zero a 59%, mas tinha valores inferiores a 10% em apenas 20% das redes.

Comparando com as redes de indivíduos em situação de pobreza, portanto, podemos dizer que a sociabilidade da classe média é muito mais fortemente baseada nas esferas do trabalho e dos estudos e muito menos associada à vizinhança. A esfera da família envolve basicamente a mesma proporção da sociabilidade nos dois grupos sociais.

Os contextos de entrada também tendem a ser mais variados nas redes de classe média, alcançando 5,3, em média, reforçando a sugestão de maior encapsulamento da sociabilidade dos mais pobres. Os contextos mais comuns eram a rede (44%), seguidos de longe da família com 18,7%, do trabalho com 16,3% e dos estudos com 10,8%. A vizinhança respondia por apenas 3,9%. Comparativamente, portanto, as redes eram muito mais importantes na expansão das redes de classe média, e a vizinhança representava um mecanismo residual, diferentemente dos indivíduos em situação de pobreza. O trabalho e os estudos também apresentavam importância muito maior.

Vale lembrar que, como destacado por McPherson et al. (2001), os locais de trabalho e de estudo representam contextos que geram menor homofilia e maior troca social do que vizinhança e família, potencialmente. Todos esses indicadores apontam para uma maior diversidade social das redes de classe média, quando comparadas com as de indivíduos em situação de pobreza. Esses elementos são ao mesmo tempo marcadores das diferenças entre as redes, e reprodutores dessas diferenças para momentos futuros.

3. Explorando a heterogeneidade das redes

Apesar das regularidades destacadas (e das diferenças médias com as redes da classe média), as redes dos indivíduos em situação de pobreza variam muito entre si. O

melhor caminho metodológico a seguir, portanto, foi explorar exatamente a diversidade das situações existentes.

Após uma série de experimentos, cheguei à conclusão de que seria melhor produzir duas tipologias distintas - uma para as redes em si, classificadas segundo suas características, e outra para os padrões de sociabilidade dos indivíduos, classificadas segundo a ênfase em determinadas esferas. Enquanto as primeiras nos informam sobre as estruturas de relações dos indivíduos, as segundas dizem respeito aos usos diferenciados dessas estruturas pelos indivíduos em suas práticas de sociabilidade. Embora essa separação seja meramente analítica e metodológica (e toda rede importe ao mesmo tempo em um padrão de sociabilidade), optei por separar as duas dimensões, pois nem sempre redes e sociabilidade variam juntos e a construção de uma única tipologia tendia a mascarar as diferenças existentes.⁹ Posteriormente, o cruzamento das duas tipologias definiu os tipos de padrões de relacionamento existentes nos casos estudados. Esses padrões têm influência significativa na pobreza, embora as consequências não sejam analisadas nesse artigo (Marques, 2009 e 2008).

Observemos primeiramente os tipos de redes para depois explorar as diferentes sociabilidades.

3.1. Os tipos de redes

Para analisar a variabilidade das redes utilizei os indicadores já citados que apontam para o tamanho, a coesão, a conectividade, a formação de grupos, a atividade relacional, a estrutura da rede egocentrada, a variabilidade da sociabilidade e o localismo¹⁰. Os casos, caracterizados por esses indicadores, foram então submetidos a uma análise de agrupamentos, resultando em cinco tipos de redes¹¹. Os indicadores são apresentados na Tabela anexada ao final do artigo, mas o gráfico a seguir sumariza as diferenças entre os tipos de redes a partir de três dimensões fundamentais: tamanho, localismo e variabilidade da sociabilidade, medidos respectivamente pelo número de nós (no primeiro eixo das ordenadas), pela proporção de indivíduos externos à área (no segundo eixo das ordenadas) e pelo número médio de esferas de sociabilidade (indicado diretamente no gráfico).

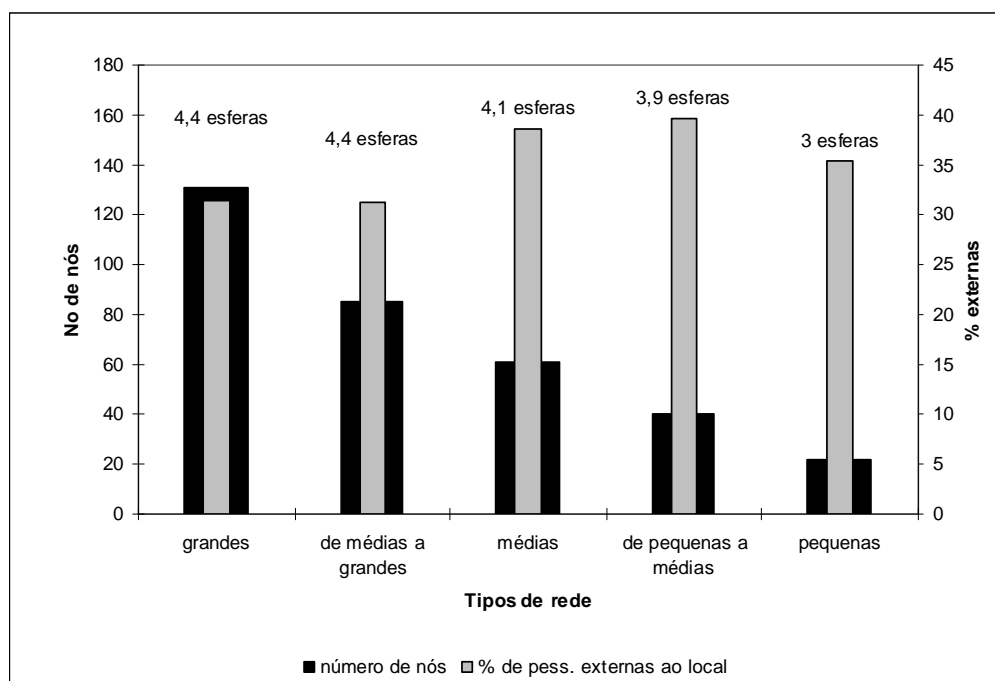
⁹ Em um primeiro exercício exploratório com apenas 89 redes (Marques et al, 2008), adotei uma única tipologia de atributos, indicadores de rede e sociabilidade, mas o procedimento se mostrou inadequado para as 209 redes estudadas aqui.

¹⁰ Foram utilizados na análise: nós; vínculos; densidade; diâmetro; grau médio; centralização; coeficiente de clusterização; índice E_I do bairro; índice E_I dos contextos; índice E_I de esferas; no de 2-clans/no de nós; no de 3-clans/no de nós; intermediação; informação; tamanho eficiente da rede ego;; densidade da rede egocentrada; no de esferas; no de contextos; Proporção de pessoas externas à área. A Tabela em anexo apresenta os indicadores médios por tipo de rede.

¹¹ A análise utilizou o algoritmo K-means no software Spss 13.0.

Vale informar que os tipos de rede têm números de casos bastante diferentes - 14, 21, 59, 68 e 47 casos, respectivamente. Os tipos mais freqüentes, portanto, são de tamanho médio, seguidos das redes de pequenas a médias. As redes menos freqüentes são as de maior tamanho, um resultado esperado considerando a caracterização anterior das redes de indivíduos em situação de pobreza.

Gráfico 1. Tamanho, localismo e variabilidade da sociabilidade por tipo de rede



Fonte: Elaboração própria a partir de material empírico coletado.

Como podemos ver, o tamanho das redes e a variabilidade da sociabilidade tendem a se reduzir à medida que caminhamos do primeiro ao último grupo. O localismo, diferentemente, tende a aumentar, embora não de forma monotônica - as redes maiores apresentam os maiores localismos, mas as menores redes também apresentam localismo mais elevado do que as redes médias e de médias a pequenas¹². As redes intermediárias conjugavam tamanho médio, baixo localismo e sociabilidade mais variada.

¹² De uma forma geral, para o conjunto dos indicadores, à medida que caminhamos do primeiro ao último tipo, o tamanho, a densidade, a clusterização, a centralização e as medidas da rede egocentrada crescem, e o diâmetro e a centralização decrescem. A proporção da presença de agrupamentos por nó (dois e três n-clans) tende a acompanhar o tamanho e cair do primeiro ao último tipo. A atividade na rede (medida pelo grau e pela informação), a variabilidade da sociabilidade, assim como a inserção urbana, entretanto, não variam diretamente com o tamanho e não tem um comportamento uniforme nos tipos de rede. Para maiores detalhes, v. a tabela em anexo.

Vale lembrar que as redes de classe média tinham em média 94 nós, cerca de 80% dos indivíduos de fora da local de moradia e 5,5 esferas diferentes de sociabilidade.

Observemos os tipos mais detalhadamente, exemplificando sempre que possível.

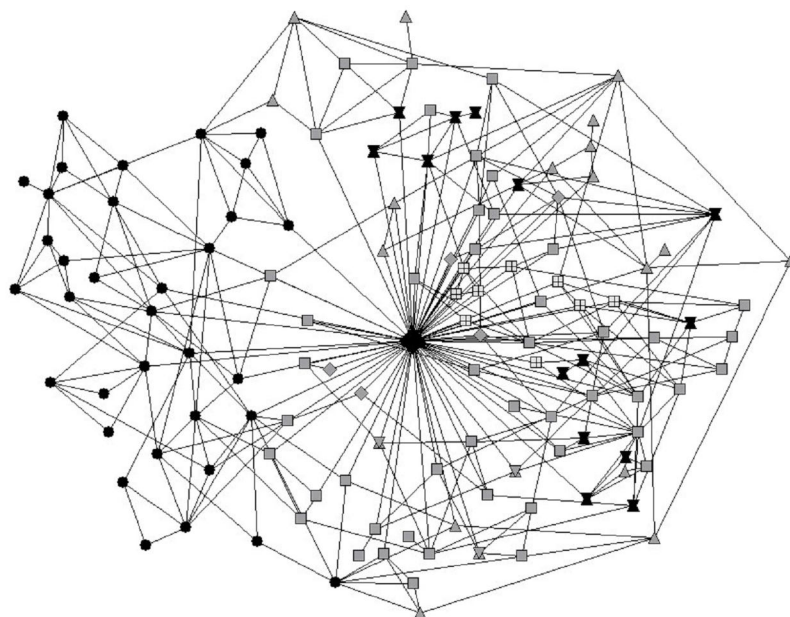
a. Redes grandes, com sociabilidade variada, mas bastante locais – 14 casos.

As redes grandes são as menos freqüentes. O seu tamanho é superior ao tamanho médio das redes de classe média (131 nós contra 94), mas a inserção urbana e variabilidade da sociabilidade são muito menores. Os indivíduos com redes desse tipo têm rendimento familiar per capita médio de R\$ 235 (a mais baixa dentre os grupos), idade média 32 anos (mais jovem do que os demais grupos) e escolaridade alta, considerando o grupo social em estudo – 7,6 anos de estudo, característica associada à maior presença de jovens. Os solteiros e as mulheres estão sobre-representados no grupo, que apresenta a menor homofilia de gênero dentre todos os tipos. Os jovens e os estudantes estão sobre-representados, assim como os desempregados. Em geral, os indivíduos do grupo são não migrantes e dentre os que trabalham, a maior parte o faz na comunidade. O grupo inclui indivíduos sem religião, mas dentre os que têm religião a freqüência é superior à média. As redes grandes são sobre-representadas entre os segregados, e mais presentes em Tiradentes (onde entrevistei mais jovens), no Jardim Ângela e em Guarulhos. Essas características devem ser consideradas com cautela, dado o pequeno número de casos.

O sociograma do entrevistado 155 a seguir, ilustra essas redes. Trata-se de um jovem estudante de Tiradentes com vinte anos de idade e dez anos de estudo. Afirma não ter religião e é nascido em São Paulo. Sua rede tem 130 nós e 328 vínculos, seis esferas e cinco contextos diferentes, mas apenas 11% dos indivíduos de fora de Tiradentes¹³.

Figura 3. Sociograma do entrevistado 155

¹³ O índice de centralização é de 50% e o grau médio de 2,53. A rede inclui 51 2-clans e 42 3-clans.



Legenda: Losango grande - Ego; círculos pretos – família; quadrados – vizinhança; triângulos – amizade; quadrados claros com sinal de mais – estudos; ampulhetas pretas - lazer e losangos escuros - outros.

Fonte: Elaboração própria a partir de material empírico coletado.

Trata-se de uma rede extensa e de estrutura complexa na qual uma ampla região era ocupada pela esfera da família (à esquerda) com poucas conexões com o restante da rede, exceto o ego. As suas outras cinco esferas, diferentemente, se encontravam substancialmente superpostas. À direita da rede se localizava uma região ocupada, sobretudo, por vizinhos, amigos e colegas de estudo e lazer. A centralização da rede era muito alta e uma grande parte da atividade passava pelo ego, embora vários dos agrupamentos existentes se conectassem diretamente entre si.

b. Redes de grandes a médias, com sociabilidade muito variada e alto localismo – 21 casos.

Essas redes são apenas um pouco menores do que as de classe média (85 nós contra 94), embora o localismo seja maior e a variabilidade da sociabilidade menor. As pessoas com redes de grandes a médias apresentam a renda per capita média relativamente elevada (R\$ 280), mas com elevada variabilidade¹⁴. Esses indivíduos apresentam idade média de 38 anos e escolaridade um pouco acima da média, em torno de 6,8 anos de estudo. Os com companheiro são sobre-representados e a principal forma de obtenção de emprego é rede. Estão sobre-representados os que trabalham na comunidade, quem obteve o trabalho por

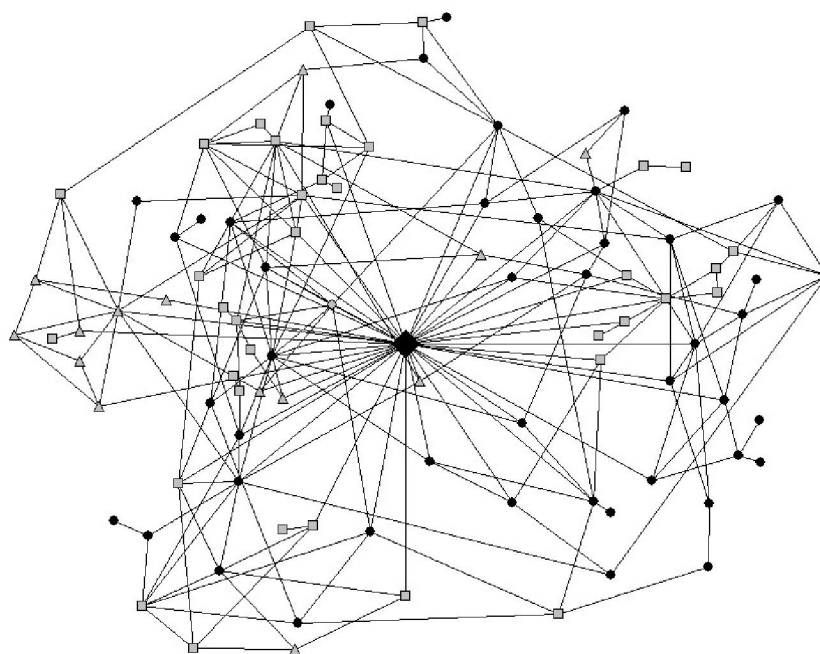
¹⁴ O desvio-padrão era de R\$ 264 e havia quatro casos com renda familiar per capita superior a R\$600 e seis com renda inferior a R\$150.

rede, assim como os migrantes. Os empregados com carteira, os pequenos proprietários e os domésticos sem carteira têm esse tipo de redes mais frequentemente. Os indivíduos tendem a não ter religião mais do que na média. Redes desse tipo são mais frequentes no Jaguaré, nos cortiços e no fundão do Jardim Ângela.

O exemplo das redes de grandes a médias é a entrevistada 47, moradora de um cortiço da área central. O sociograma da sua rede pode ser visto a seguir. Trata-se de uma mulher casada com dois filhos e apenas dois anos de estudo. É natural de São Paulo e trabalha como empregada doméstica sem registro, tendo renda de R\$ 130 per capita.

A sua rede tem 97 nós e 218 vínculos, apenas três esferas e três contextos e 41% de indivíduos de fora do circuito dos cortiços¹⁵. Como se pode ver, a rede é menor do que a anterior, mas mesmo assim não apresenta uma estrutura simples, inclusive no que diz respeito à distribuição dos indivíduos pelas esferas, que se encontram bastante interpenetradas.

Figura 4. Sociograma da entrevistada 47



Legenda: Losango grande - Ego; círculos pretos – família; quadrados – vizinhança; triângulos - amigos.

Fonte: Elaboração própria a partir de material empírico coletado.

¹⁵ A rede é pouco centralizada (índice de 19%), apresenta coeficiente de clusterização muito baixo (0,27) e inclui 73 2-clans e 48 3-clans.

c. Redes médias com variabilidade da sociabilidade média e baixo localismo – 59 casos.

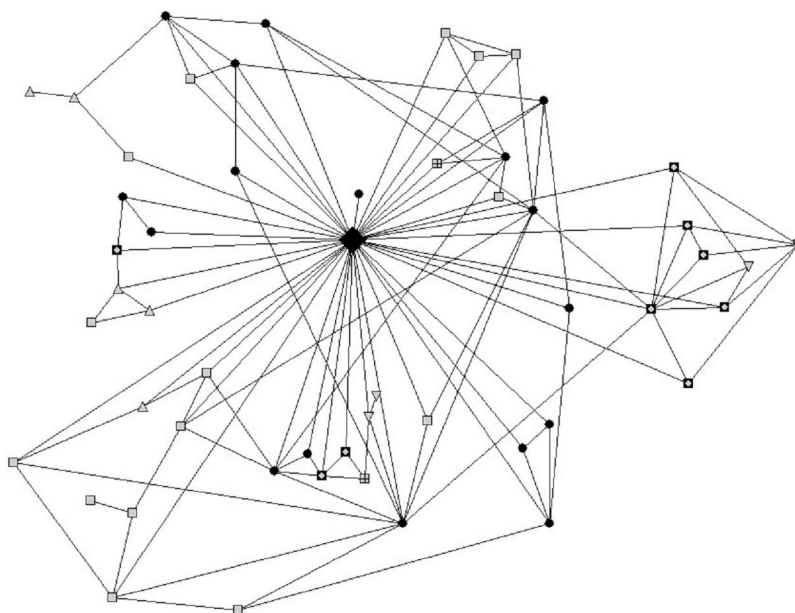
As redes desse tipo são de pessoas com rendimento familiar per capita e características na média do grupo estudado - R\$ 265, idade de 35 anos e escolaridade 6,1 anos de estudo (contra R\$ 270, 36 anos e 6,1 anos de estudo do conjunto das redes). Indivíduos com redes desse tipo têm empregos obtidos por rede mais frequentemente do que os demais e o tamanho relativo médio dos domicílios tende a ser mais alto. Essas redes são mais frequentes nos cortiços e em Vila Nova Esperança.

O exemplo desse tipo de rede é apresentado no sociograma abaixo, relativo à entrevistada 60. Trata-se de uma mulher de 38 anos migrada da Bahia há mais de cinco anos e moradora de Vila Nova Esperança. Ela trabalha como diarista em casas de família sem registro trabalhista, tem oito anos de escolaridade e sua renda per capita é de R\$ 150. A rede tem 53 nós e 119 vínculos, 43% de indivíduos externos e seis esferas e contextos de sociabilidade.

A rede é ainda menor e mais simples do que a anterior. A sua estrutura é um pouco mais visível, com um grupo de amizade e trabalho à direita e outro bastante misto em termos de esferas à esquerda. Entretanto, a mais forte diferença dessa rede em relação às anteriores é a sua elevada centralização (índice de centralização de 73%), ou seja, o fato de muitos vínculos passarem pelo ego¹⁶. A quantidade de esferas diferentes de sociabilidade (seis) também é mais elevada nessa rede do que na anterior.

Figura 5. Sociograma da entrevistada 60

¹⁶ Apesar da clusterização ser relativamente alta – 0,53 – não há muitos agrupamentos coesos – onze 2-clans e oito 3-clans (contra 73 e 48, respectivamente no último tipo de rede).



Legenda: Losango preto - Ego; círculos pretos – família; quadrados – vizinhança; triângulos - associativismo; quadrados com losango – amizade; quadrados com sinal de mais – estudos; triângulo invertido - trabalho.

Fonte: Elaboração própria a partir de material empírico coletado.

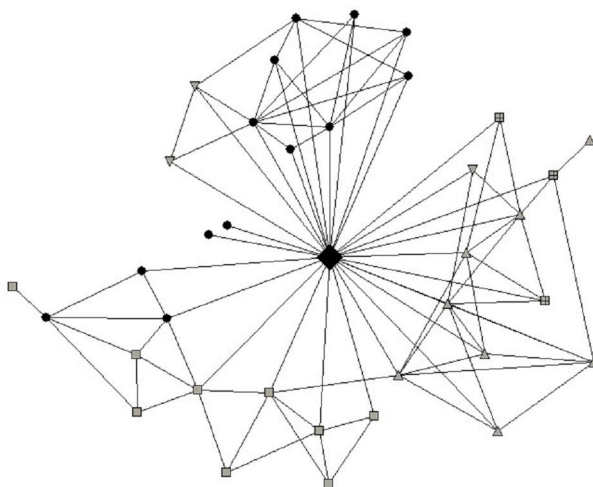
d. Redes de médias a pequenas, com variabilidade da sociabilidade média e baixo localismo – 68 casos.

Este é o tipo de rede o mais freqüente e bem próximo da média dos indicadores em geral. Os indivíduos com redes de médias a pequenas têm rendimento familiar médio per capita superior à média (R\$ 290), 34 anos de idade e 6,2 anos de estudo. A homofilia de sexo média é a mais alta dentre os tipos de rede. Os indivíduos com esse tipo de rede tendem a ser mais frequentemente donas de casa, empregados com carteira e autônomos. Há alguns idosos, mas também indivíduos bem jovens o tipo é bastante bem distribuído entre os campos, mas é levemente sobre-representado em Guarulhos e Vila Nova Esperança. Os evangélicos estão sobre-representados nesse tipo de rede. O localismo é mais baixo entre todos os grupos.

O exemplo desse tipo de rede é o entrevistado 52, um morador de cortiços nascido na Bahia, jovem (19 anos), casado e com dois filhos. Trabalha como ajudante em um estacionamento (com registro em carteira) e tem renda per capita de R\$115. Tem cinco anos de estudo e se diz evangélico, mas afirma nunca freqüentar tempos. A sua rede tem 37

nós e 91 vínculos e cinco esferas e contextos. Cerca de 62% dos indivíduos da rede são externos ao circuito dos cortiços¹⁷. O sociograma é apresentado a seguir.

Figura 6. Sociograma do entrevistado 52



Legenda: Losango preto - Ego; círculos pretos – família; quadrados – vizinhança; triângulos – trabalho; quadrados com sinal de mais – lazer, triângulo invertidos - outros.

Fonte: Elaboração própria a partir de material empírico coletado.

A rede apresenta estrutura simples e muito centralizada em torno do ego. A sua regionalização segundo esferas de sociabilidade é nítida, com a família acima, a vizinhança à esquerda e abaixo e as esferas de trabalho e lazer interpenetradas abaixo à direita.

e. Redes pequenas, com baixa variabilidade da sociabilidade e alto localismo – 47 casos.

As redes pequenas, por fim, são características de indivíduos com idade média relativamente mais elevada – 41 anos (são os indivíduos mais velhos em termos médios) e escolaridade mais baixa (5,2 anos de estudo). Apesar disso, o grupo inclui um conjunto não desprezível de indivíduos muito jovens, comprovando novamente a relação não direta entre atributos e redes. A renda familiar per capita – R\$ 255 - não é a mais baixa em termos médios, mas o desvio padrão do grupo é o mais elevado (R\$ 260), sugerindo grande variabilidade de rendimentos¹⁸. Os indivíduos migrantes estão sobre-representados nesse

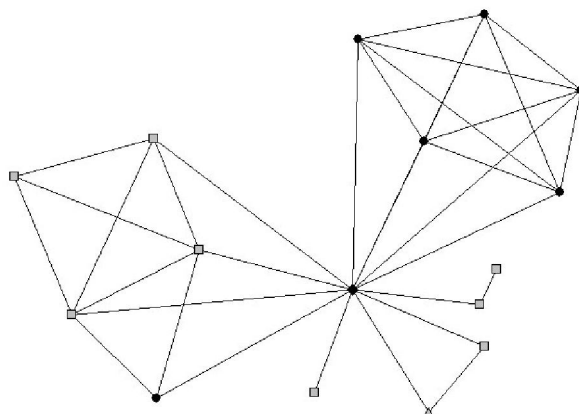
¹⁷ A centralização e a clusterização são altas - 70% e 0,63. A rede apresenta apenas sete 2-clans e quatro 3-clans.

¹⁸ Efetivamente, dentro desse grupo está um indivíduo com rendimento muito mais elevado do que os demais. Se esse fosse excluído, a renda média seria de R\$ 225, a menor dentre todos os tipos de rede.

grupo e, metade dos que têm muitos conterrâneos (mais de 20%) em suas redes têm redes pequenas. É o tipo com maior incidência de pessoas sem religião, mas também de católicos, embora a frequência a templos seja a menor dentre todos os grupos. Donas de casa e autônomos se sobressaem, embora levemente. Esse é o tipo de rede menos incidente em locais segregados, sendo sobre-representado quem mora em Paraisópolis.

O exemplo nesse caso é a entrevistada 142, moradora de Paraisópolis. Trata-se de uma mulher de 64 anos nascida na Bahia, sem companheiro e que vive sozinha. É analfabeta, já se aposentou e se diz católica, embora praticamente nunca frequente templos. Trabalhava como empregada doméstica, mas nunca teve registro e, embora atualmente não trabalhe, não conseguiu se aposentar. Mora em um barraco muito precário e não tem renda. Seu sociograma é apresentado a seguir.

Figura 7. Sociograma da entrevistada 142



Legenda: Losango preto – Ego; círculos pretos – família; quadrados – vizinhança e triângulo – amizade.

Fonte: Elaboração própria a partir de material empírico coletado.

A sua rede tem apenas dezesseis nós e 33 vínculos, três esferas e quatro contextos¹⁹. A rede é pequena e extremamente simples. Acima e à direita do ego se situa um grupo da esfera familiar completamente conectado, e à esquerda e abaixo outros dois grupos baseados em vizinhança que também se apresentam muito conectados.

¹⁹ Em grande parte como efeito do tamanho, a rede é altamente clusterizada (0,59) e centralizada (67%), mas inclui apenas três 2-clans e dois 3-clans.

Mas e como os tipos de redes se distribuem pelos locais estudados? A existência de regularidades talvez apontasse para possíveis efeitos diretos da segregação sobre as redes. Essa incidência nos campos, entretanto, sugere a inexistência de padrões nítidos e robustos, seja por local estudado, seja segundo graus de segregação.

3.2. Os tipos de sociabilidade

Exploreemos agora os cenários de sociabilidade presentes nas redes. Para explorar essa dimensão, submeti as proporções de indivíduos nas várias esferas de sociabilidade a uma análise de agrupamentos²⁰. O resultado que melhor se ajustou aos dados inclui seis tipos de sociabilidades distintas dependendo da concentração da sociabilidade por esferas. A tabela a seguir apresenta as proporções médias das esferas para cada grupo, assim como os seus respectivos números de casos. As esferas destacadas concentram entre 81 e 90% dos tipos de sociabilidade. A última linha apresenta o número de casos e a última coluna apresenta a sociabilidade média do grupo de classe média, que não foi utilizada na análise de agrupamentos, mas é apresentada como parâmetro de comparação.

Tabela 1. Tipos de sociabilidade por esferas de sociabilidade⁽¹⁾

Esferas	Tipos de sociabilidade (%)						Classe média (%)
	família	vizinhança	amizade	igreja	trabalho	associação	
família	63	28	33	27	27	32	34
vizinhança	19	53	24	27	24	13	
amizade			33				14
trabalho					33		26
igreja				33			
associação						34	
lazer							
estudos							10
outros							
No de casos	67	67	16	20	33	6	30

Fonte: Cálculo próprio a partir de material empírico coletado.

(1) Foram ocultadas as % iguais ou inferiores a 6%. As células hachuradas com cinza mais escuro têm proporções acima da média e as células hachuradas em cinza mais claro têm sociabilidades importantes no grupo, mesmo que inferiores à média.

Os dois primeiros tipos de sociabilidade são baseados principalmente na família e na vizinhança - vínculos primários e/ou locais – embora com ênfases invertidas. No terceiro tipo temos uma grande concentração de pessoas na esfera de amizades, que pode ou não ser local, mas que também tende a ser marcada pela homofilia. Os demais tipos de sociabilidade se caracterizam pela presença marcante de relações construídas em ambientes institucionais ou organizacionais – igreja, trabalho e associações.

²⁰ A análise de cluster incluiu todas as nove esferas consideradas e utilizou o algoritmo K-means do Software Spss 13.0.

É razoável considerar que sociabilidades baseadas em esferas mais organizacionais levem a padrões de contatos de menor homofilia e maior heterogeneidade, pois os contatos construídos nesses ambientes tendem potencialmente a ser mais fortemente baseados em escolhas do que os contatos familiares, de vizinhança e de amizade. A análise quantitativa das conseqüências das redes realizada em Marques (2009 e 2008) comprovou amplamente essa hipótese.

A sociabilidade de classe média se concentra principalmente nas esferas da amizade, do trabalho e dos estudos. A presença de vizinhança nas redes de classe média é muito baixa, sendo mesmo inferior ao grupo de redes de pobres com menor presença dessa esfera. A presença relativa da esfera da família é similar à média das redes de indivíduos em situação de pobreza.

Observemos mais detidamente os tipos de sociabilidade dos indivíduos, incluindo exemplos dos casos estudados para concretizar as situações delimitadas. Em cada tipo, destaco apenas as esferas superiores à média, que em última instância, caracterizam cada tipo.

a. Sociabilidade caracterizada pela ênfase na família – 67 indivíduos.

Os indivíduos com sociabilidade com ênfase na família tinham 38 anos em média, escolaridade média muito baixa (5 anos de estudo) e rendimento familiar per capita médio relativamente baixo – R\$ 245. O grupo incluía um conjunto expressivo de idosos, era levemente mais feminino e os indivíduos eram majoritariamente migrantes. A presença de conterrâneos nas redes era a mais elevada entre os tipos de sociabilidade. As donas de casa e os autônomos eram os grupos ocupacionais que mais se destacavam. Os indivíduos tendiam a trabalhar na comunidade e a não freqüentar associações. A maior parte dos indivíduos era católica, mas não freqüentava templos regularmente. Esse tipo estava presente mais frequentemente em Paraisópolis, nos cortiços e no Jd. Ângela. O número médio de esferas de sociabilidade era o menor dentre todos os grupos.

O exemplo desse tipo de sociabilidade é a entrevistada 133, uma migrante baiana de 62 anos de idade. A entrevistada mora em São Paulo há vinte anos. Antes de morar em Paraisópolis ela morava nas imediações da Águas Espraiadas, mas assim que a obra da avenida começou, ela se mudou para Paraisópolis (há mais de dez anos). Ela casou-se em 1961 com um homem que conheceu em sua cidade natal e com quem teve oito filhos. Quando veio para São Paulo já estava separada.

Atualmente ela mora com um dos filhos, e uma das filhas mora no segundo andar de sua casa. Há cinco anos ela tem uma vendinha na frente da casa, mas anteriormente trabalhava como doméstica. Ela não estudou, pois foi proibida pelo marido. A renda familiar é composta pelos rendimentos da vendinha e pelos bicos do filho, o que corresponde aproximadamente a R\$ 300 per capita. Ela tem dois irmãos morando na Bahia com os quais tem contato apenas raramente. Seus contatos freqüentes são com os vizinhos que moram ao lado e na casa da frente. Apesar de se autodenominar católica, disse que nunca vai à igreja (foi apenas uma vez desde que mora no bairro). Ela não possui uma esfera de lazer, afirmando que fica em casa e assiste TV nos momentos livres. As esferas mais importantes são a família (53,3%) e a vizinhança (40%), e apenas 20% dos nós eram de fora da comunidade.

b. Sociabilidade caracterizada pela ênfase na vizinhança – 67 indivíduos.

Esses indivíduos tinham escolaridade média de seis anos de estudo, 34 anos de idade e renda média bastante baixa, de R\$ 210. Na verdade, o grupo era o que apresentava a maior proporção de indivíduos paupérrimos e também incluía indivíduos migrantes acima da média. As trajetórias reportadas nas entrevistas indicam a existência de vários indivíduos que migraram diversas vezes entre São Paulo e suas cidades de origem. Os indivíduos desse grupo não freqüentavam associações e uma parte expressiva deles não tinha companheiro. A presença de precariedade familiar era maior do que a média, assim como do trabalho e dos rendimentos²¹. A maior parte dos indivíduos considerados precários pertencia a esse tipo de sociabilidade.

A sociabilidade desse tipo é exemplificada pelo entrevistado 9. Trata-se de um morador do Jaguaré de 34 anos. O entrevistado chegou a São Paulo há oito anos junto com sua esposa, ambos provenientes de uma pequena cidade em Alagoas, onde nasceu o entrevistado e onde ainda mora a maior parte da sua família. Há seis meses, abriu uma loja de variedades no Jaguaré (em que vende brinquedos, CD, doces etc.) na parte frontal da casa onde mora com a esposa e seus dois filhos. Anteriormente, trabalhou como faxineiro e como garçom. Declarou uma renda familiar mensal de R\$700, sendo que a sua mulher não trabalha. Manifestou ser católico, mas não praticante, e chegou a concluir a 5ª série.

²¹ Foram consideradas quatro tipos de precariedade: como precariedade familiar a existência de crianças com menos de 12 anos sustentadas por um único provedor adulto; como precariedade de renda a presença de rendimento familiar per capita inferior a R\$ 120; do trabalho a existência de desemprego e viver de bicos e, por fim, habitacional a moradia em barracos de madeira ou quartos sem banheiro.

Para se divertir, o entrevistado visita casa de parentes que moram perto, vai a uma casa de shows freqüentada por migrantes do Nordeste no bairro do Limão e visita amigos conterrâneos em outros bairros.

Suas principais esferas são a vizinhança (41,3%) e a família (40%) e 28% dos nós de sua rede eram de fora da comunidade.

c. Sociabilidade caracterizada pela ênfase na amizade – 16 indivíduos.

Os indivíduos com esse padrão de sociabilidade tinham a segunda escolaridade mais elevada dentre todos os grupos (7,4 anos de estudo), mas o mais baixo rendimento familiar per capita médio (R\$ 188). Era o grupo de idade média mais baixa – 31 anos, em média, e apresentava a mais elevada presença de jovens. Condizente com essa característica, era o único tipo de sociabilidade mais presente entre naturais de São Paulo do que entre migrantes. Era um tipo bastante comum entre os muito pobres, mas não paupérrimos e tendia a ser levemente mais feminino do que masculino. Os estudantes e as donas de casa se encontravam sobre-representados. A concentração na esfera da amizade era um pouco mais elevada do que o dobro da verificada na classe média.

Como exemplo deste grupo, apresento a sociabilidade da entrevistada 140, uma mulher de 37 anos nascida em São Paulo e moradora de Paraisópolis. Trabalha há um mês como auxiliar de serviços gerais na associação de moradores, indicada pela mãe, uma das diretoras, recebendo R\$350 por mês sem registro em carteira. A entrevistada separou-se do marido e mora com os pais, seus dois filhos e um irmão. Tem o 2º grau completo e trabalhou um ano e nove meses numa empresa prestadora de serviços de limpeza, da qual foi demitida há três meses. Sua família reside há dez anos no Grotão, uma das piores áreas da favela, e suas relações são predominantemente posteriores à chegada à favela, mantendo poucos contatos externos com as amigas de seu antigo trabalho. Apenas 30% dos nós de sua rede são externos à favela e suas esferas mais relevantes são as da família (41,8%), das amizades (36,4%) e da vizinhança (12,7%).

d. Sociabilidade caracterizada pela ênfase nas igrejas – 20 indivíduos.

As pessoas desse grupo tinham escolaridade média (6,8 anos), idade de 38 anos e rendimento familiar per capita médio entre médio e baixo R\$ 275. O grupo incluía mais migrantes do que a média do universo, mas praticamente não incluía conterrâneos (3,7%), sugerindo uma dissolução de vínculos mais elevada do que a média. As mulheres estavam mais presentes aqui do que em qualquer outro tipo. Os empregados com e sem carteira estavam sobre-representados e a proporção de indivíduos que obtiveram o emprego por

anúncio era a maior dentre todos os casos estudados. As redes incluíam muito mais indivíduos externos ao local de moradia do que a média. Naturalmente, quem frequenta igreja estava muito sobre-representado no grupo, e essa era a única sociabilidade onde os evangélicos eram predominantes (64%). Os indivíduos com essa sociabilidade tinham tanto precariedade familiar quanto rendimentos em patamares superiores aos dos demais grupos. Os números de esferas e contextos eram elevados - 4,3 e 4,9, respectivamente.

Exemplifico esse grupo com o caso da entrevistada 164, de Tiradentes. Trata-se de uma alagoana de 43 anos chegada há 22 anos em São Paulo. Há quatorze anos vive em Cidade Tiradentes, tendo antes morado no bairro da Liberdade, no Centro, na casa da cunhada. É casada e tem três filhos, vivendo com o marido e um deles. Os demais moram em conjuntos habitacionais vizinhos e seus irmãos vivem em outros locais. Disse ser dona de casa, mas considera-se desempregada - está procurando trabalho 'no que aparecer'. Trabalhou anteriormente durante dez anos como empregada doméstica, sem carteira assinada, e quatro anos como camareira em um hotel de alto padrão com carteira assinada. A renda familiar é de R\$ 900,00, resultando em uma renda familiar mensal per capita de R\$ 300.

É evangélica e frequenta a Igreja Assembléia de Deus, cinco vezes por semana. Seu lazer resume-se a buscar o neto na casa de um filho e ir à igreja, onde tem vários amigos. As esferas mais relevantes eram a da família (41,2%), a da vizinhança (3,9%) e da igreja (52,9%), sendo que 29,4% dos nós eram externos à comunidade.

e. Sociabilidade caracterizada pela ênfase em trabalho – 33 indivíduos.

Os indivíduos com essa sociabilidade tendiam a ter escolaridade alta para o grupo social estudado, alcançando sete anos de estudo, idade média de 38 anos (com muito poucos jovens e idosos), assim como renda familiar per capita média alta para o grupo social em estudo - R\$ 455, em média. O grupo concentrava especialmente indivíduos empregados com carteira assinada (52% com carteira, contra uma média geral de 16%) em empregos relativamente antigos e que trabalham fora da comunidade (73%). Os empregos, nesse grupo, haviam sido obtidos via rede em uma proporção muito mais elevada do que a dos demais tipos de sociabilidade (95%). As redes incluíam muito mais indivíduos externos ao local de moradia do que a média (49%) e tinham menos migrantes e muito menos conterrâneos do que a média (apenas 1%), apesar de 61% dos indivíduos serem migrantes. Os indivíduos que frequentavam associações estavam sobre-representados nesse grupo e os números de esferas de sociabilidade e contextos diferentes eram elevados - 4,4 e 4,8 -

respectivamente. Nesse caso, a proporção da sociabilidade na esfera do trabalho era inclusive superior à média das redes de classe média.

O entrevistado 70, morador de Vila Nova Esperança, é o exemplo desse grupo. Tem sessenta anos e nasceu no interior de São Paulo, na zona rural, de pais lavradores. Migrou para São Paulo com dez anos apenas com a mãe. Teve seis irmãos (4 mulheres e dois homens) e todos vivem em bairros próximos de São Paulo. É separado há dez anos e tem dois filhos, ambos casados, sendo que um deles já tem dois filhos. Conheceu a ex-mulher na casa do irmão e veio do bairro vizinho para a comunidade há oito anos comprando a casa diretamente de um dos ocupantes originais. Atualmente, mora sozinho.

Trabalha como vendedor autônomo de vassouras há dois anos, para uma fábrica localizada em Santo Amaro. Entretanto, raramente vai lá e faz os pedidos por telefone. Antes trabalhou para outra empresa da mesma forma por dezesseis anos e antes ainda foi porteiro de prédio por quinze anos e metalúrgico. Tem renda mensal de R\$ 450 e segundo grau completo. Sua sociabilidade era organizada pelas esferas da família (41,1%) da vizinhança (31,2%) e do trabalho (17,7%) e tinha 56,9% de nós externos à comunidade em sua rede, sendo esta uma das redes de mais baixo localismo encontradas entre os indivíduos em situação de pobreza.

f. Sociabilidade caracterizada pela ênfase em associações – 6 casos.

Esse tipo de sociabilidade era compartilhada por apenas seis indivíduos. A sua escolaridade média era a mais elevada de todos – 8,3 anos - superando inclusive o fundamental completo. Os rendimentos familiares per capita médios também não eram baixos e alcançavam R\$ 440 em média. As redes dos indivíduos com essa sociabilidade eram as únicas com homofilia de gênero bem abaixo da média (55%). A presença de conterrâneos nas redes era bastante baixa (3%). Todos os indivíduos trabalhavam na comunidade e o localismo era o mais alto de todos os tipos (apenas 25% dos indivíduos eram de fora). Evidentemente, quem freqüentava associação estava sobre-representado dentre os indivíduos com essa sociabilidade. Uma parte importante desses indivíduos é efetivamente envolvida com associativismo em suas atividades cotidianas e até mesmo profissionais.

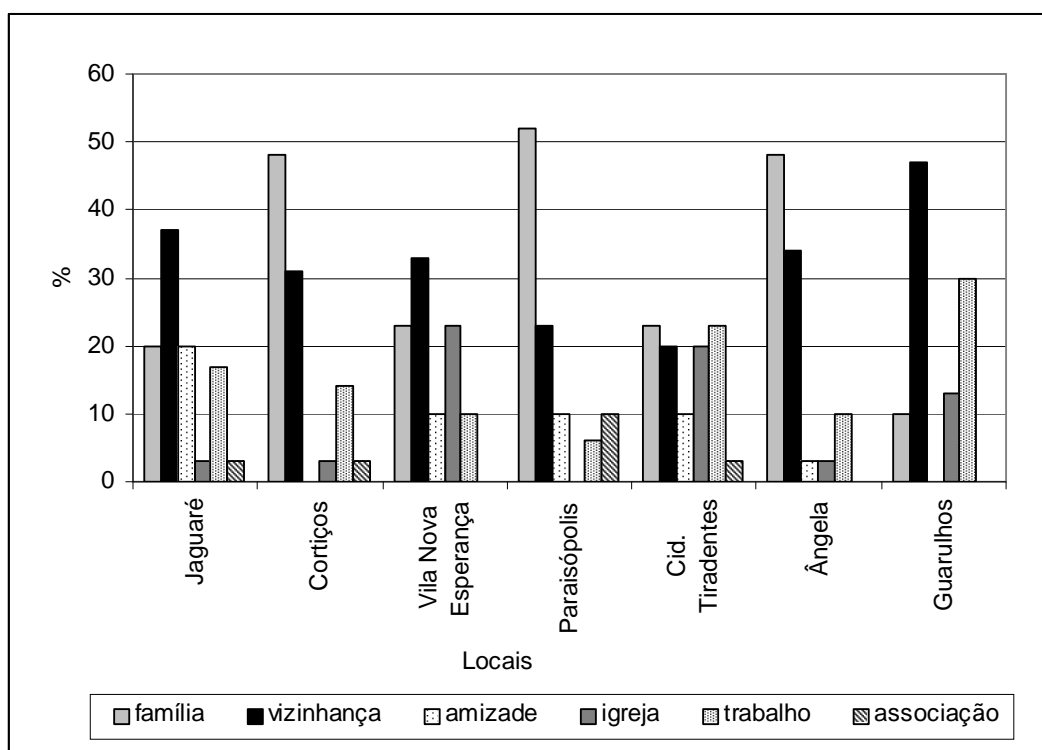
O exemplo dessa sociabilidade era o entrevistado 131, morador de Paraisópolis de 39 anos e nascido no Recife. Seu pai veio primeiro e depois veio o restante da família, há 36 anos. Seus pais já faleceram e o entrevistado tem duas irmãs vivas, mas que não moram na favela. É casado há treze anos e tem dois filhos. Tem ensino médio completo e é um dos diretores de uma das associações de moradores da favela. Além disso, é cabeleireiro, tendo o próprio salão no bairro há 21 anos. Sua esposa trabalha como doméstica no Morumbi. A

renda familiar é de R\$1.500,00 e resulta em uma renda per capita de R\$ 375. Já trabalhou no estádio do Morumbi tomando conta de carros, como empregado em uma casa de família no Morumbi e em um salão de um amigo do pai. Logo depois que fez um curso de cabeleireiro em colégio particular da região, abriu o seu próprio salão. É evangélico e frequenta a igreja todos os dias com a família.

As esferas mais importantes são a família (38,7%) e a associativa (27,8%), seguidas do trabalho e da igreja com 10,7 e 16%, respectivamente. O indivíduo tinha apenas 12,9% de contatos externos.

Mas de que forma os tipos de sociabilidade distintos incidiam sobre os locais estudados? Uma evidência nessa direção seria mais uma informação importante para avaliarmos a relação entre a segregação social no espaço e as redes. A distribuição dos tipos de sociabilidade pelas áreas é apresentada no Gráfico a seguir.

Gráfico 2. Presença relativa dos grupos de sociabilidade nos locais (%)



Fonte: Cálculo próprio a partir de material empírico coletado.

Como se pode ver, os indivíduos com ênfase na família estão sobre-representados em Paraisópolis, nos cortiços e no Ângela. A sociabilidade com muita vizinhança está muito mais presente em Guarulhos e a maior concentração em amizade ocorre no Jaguaré e

também em menor proporção na Vila Nova Esperança, em Paraisópolis e em Tiradentes. As sociabilidades mais primárias, portanto, se concentravam no Ângela, em Paraisópolis, nos Cortiços e no Jaguaré.

A sociabilidade concentrada na esfera igreja ocorria mais fortemente em Vila Nova Esperança, Cidade Tiradentes e Guarulhos, enquanto a concentrada em ambientes de trabalho em Guarulhos e Tiradentes. A sociabilidade centrada em associações, por fim, se fazia mais presente em Paraisópolis. Os tipos de sociabilidade menos locais, menos primários e mais associados a ambientes institucionais e organizacionais, portanto, estão sobre-representados em Tiradentes, Guarulhos e Vila Nova Esperança.

Assim, embora não existam padrões de distribuição por área, há certa concentração das sociabilidades menos locais e primárias em locais mais segregados (Guarulhos, Tiradentes e Vila Nova Esperança), o que é contrário à hipótese corrente sobre a relação entre redes e segregação. Esse resultado é condizente com a evidência de que indivíduos segregados teriam em média padrões um pouco menos localistas e reforça a idéia de que certos indivíduos segregados combateriam os efeitos da segregação com vínculos menos homofílicos e menos locais.

3.3. Combinando tipos de redes e de sociabilidade

Tendo analisado a variabilidade das redes e das sociabilidades, podemos investigar a existência de combinações entre elas. De uma forma geral, a distribuição dos tipos de sociabilidade por tipo de rede indica a inexistência de associações diretas. Entretanto, quatro situações de indivíduos aparecem com maior incidência nos casos²²:

- com redes grandes, mas sociabilidade local e primária (11%);
- com redes pequenas e sociabilidade local e primária (17%);
- com redes médias e sociabilidade local e primária (44%);
- com redes médias e sociabilidade pouco local e construída em ambientes organizacionais e institucionais (15%).

Podemos imaginar que as duas primeiras situações relacionais tenderiam a favorecer potencialmente a homofilia, enquanto a última tenderia a aumentar a heterofilia dos padrões de relação dos indivíduos. A terceira situação se situaria entre as anteriores com características intermediárias. Se as hipóteses da literatura com relação à vinculação entre heterofilia nas redes e condições sociais estão corretas, as duas primeiras situações tenderiam a se associar a piores condições de vida, enquanto a quarta situação favoreceria a acesso a estruturas de oportunidade.

²² Outros 13% dos casos se distribuíam por várias outras situações residuais e intermediárias.

Essas hipóteses são confirmadas de maneira preliminar pela observação das características sociais dos entrevistados em cada tipo de situação relacional.

Entre os indivíduos com redes grandes e pequenas com sociabilidade local e primária encontram-se sobrerrepresentados indivíduos mais jovens e idosos, respectivamente. No primeiro caso, a escolaridade tendia a ser maior do que a média, e eram mais freqüentes os estudantes e os não migrantes. No segundo, a escolaridade era baixa, sendo sobrerrepresentados os aposentados, as donas de casa e os migrantes (com elevadas presenças de conterrâneos). Em termos gerais, portanto, essas situações relacionais se ligavam freqüentemente a indivíduos com integração social mais baixa. Ambas as situações eram mais freqüentes em locais não segregados (57 e 70%, respectivamente).

A situação intermediária é a mais comum e inclui indivíduos com características sociais próximas da média do universo estudado em termos de idade e escolaridade. Merecem destaque as elevadas presenças de migrantes, autônomos e desempregados. Dentre os que trabalhavam, a maioria trabalhava no próprio local de moradia.

A última situação, por fim, inclui principalmente indivíduos maduros com escolaridade relativamente elevada e inserção no mercado de trabalho melhor, incluindo proporção elevada de empregados com carteira, embora também autônomos e empregados sem carteira. Esses indivíduos tendiam com alguma freqüência a trabalhar fora da comunidade. Essa situação social, portanto, se apresentava associada com freqüência a indivíduos mais integrados socialmente.

Essa situação é sobre-representada nos locais mais segregados e, embora se apresente em 17% do conjunto das áreas, alcança 33% em Guarulhos, 27% em Tiradentes e 20% em Taboão. Assim, é possível afirmar que o efeito da segregação é mais complexo do que sugeriria um impacto negativo e direto e, embora inexistam grandes diferenças médias entre as redes de locais segregados e não segregados, alguns indivíduos segregados apresentam padrões relacionais menos locais e menos homofílicos, demonstrando que as redes podem estar integrando uma parte dos indivíduos mais isolados pelo espaço.

Conclusão

O artigo mostrou que, quando comparadas com as redes de classe média, as redes pessoais de indivíduos pobres tendem a ser menores, menos coesas, mais locais e menos variadas em termos de sociabilidade. Apesar disso, elas variam substancialmente entre si, sendo bastante difícil encontrar relações diretas entre variáveis sócio-econômicas e padrões de relação.

A construção das tipologias de redes e sociabilidades sugeriu a presença de padrões de relação bastante nítidos (e diversos entre si). Nesse sentido, mesmo dentre as redes de indivíduos em situação de pobreza, se observam redes grandes e de sociabilidade mais variada, assim como redes menores e com isolamento urbano significativo. É interessante destacar que o tamanho, a variabilidade da sociabilidade e o localismo não caminham juntos, e que as redes maiores são muito locais e apresentam baixa variabilidade da sociabilidade. Essas duas características também estão presentes nas redes muito pequenas, sendo as de tamanho médio as que apresentam menor localismo e maior variabilidade social. No que diz respeito à sociabilidade dos mais pobres, os dados também sugerem a existência de padrões muito diversificados. Se por um lado podemos notar a existência de padrões de sociabilidade muito locais e baseados em vínculos primários (basicamente família, vizinhança e amizades), uma parte significativa das redes apresenta sociabilidade pouco local e produzida substancialmente em ambientes organizacionais ou institucionais (trabalho, igreja, associativismo).

Confirmando resultados prévios presentes na literatura, a relação entre espaço urbano e redes indicou que as redes de indivíduos pobres são marcadas por intenso localismo, diferentemente da classe média, onde praticamente inexistente localismo e vizinhança, e a própria idéia de comunidade ou de dentro/fora não fazia sentido algum.

A hipótese de um efeito direto da segregação social no espaço sobre as redes, por fim, não se verificou, e a segregação parece não impactar direta e mecanicamente o tamanho, a atividade e a estrutura das redes. Entretanto, embora as redes não variem substancialmente em termos médios segundo o grau de segregação dos locais estudados, redes de tamanho médio com sociabilidade menos local e menos primária tendem a estar mais presentes em locais segregados. Isso sugere que as redes integram potencialmente uma parte dos indivíduos que estão segregados, ajudando a combater os efeitos do isolamento espacial.

Bibliografia

- BEARMAN, R.; MOODY, J. & STOVEL, K. "Chains of affection: the structure of adolescent romantic and sexual networks". *American Journal of Sociology*, vol. 110 (1): 44-91, 2004.
- BEGGS, J. "Revising the rural-urban contrast: personal networks in nonmetropolitan and metropolitan settings". *Rural sociology*, 61:306-325, 1996.
- BIDART, C. & LAVENU, D. "Evolution of personal networks and life events". *Social Networks*, 27 (4): 359-376, 2005.
- BORGATTI, S.; EVERETT, M. & FREEMAN, L. *Ucinet for Windows: software for social network analysis*. Harvard, MA, Analytic Technologies, 2002.

- CAMPBELL, K. & LEE, B. "Sources of Personal Neighbor Networks: Social Integration, Need, or Time?" *Social Forces*, vol. 70 (4): 1077-1100, 1992.
- EMIRBAYER, M. "Manifesto for a relational sociology". *American Journal of Sociology*, 103 (2): 231-317, 1997.
- FONTES, B. & EICHNER, K. "A formação de capital social em uma comunidade de baixa renda". *Redes: Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales*, vol. 7 (2), out-nov., 2004. Internet: <http://revista-redes.rediris.es>
- FREEMAN, L. *The development of social network analysis*. Vancouver, Empirical Press, 2004.
- GROSSETTI, M. "Where do social relations come from? A study of personal networks in the Toulouse area of France". *Social Networks*, 27(4): 289-300, 2005.
- GURZA LAVALLE, A.; CASTELLO, G. & BICHIR, R. "Redes y Capacidad de Acción en la Sociedad Civil. El caso de São Paulo, Brasil". *Redes - Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales*, 12: 1-38, 2007.
- HANNEMAN, R. & RIDDLE, M. *Introduction to social network methods*. Riverside, CA, University of California, 2005.
- HEINZ, J.; LAUMMAN, E.; NELSON, R. & SALIZBURY, R. *The hollow core: private interests in national policy making*. Cambridge, Harvard University Press, 1997.
- HEDSTROM, P.; SANDELL, R. & STERN, C. "Meso-level networks and the diffusion of social movements". *American Journal of Sociology*, 106(1): 145-172. 2000.
- JARIEGO, I. "A general typology of the personal networks of immigrants with less than 10 years living in Spain". Trabalho apresentado no *XXIII Sunbelt Conference*, 2003.
- KADUSHIN, C. "Friendship Among the French Financial Elite". *American Sociological Review*, 60: 202-221, 1995.
- KIRSCHBAUM, C. *Campos organizacionais em transformação: o caso do Jazz americano e da Música Popular Brasileira*. Fundação Getúlio Vargas, Tese de Doutorado, 2006.
- LAUMANN, E. & KNOKE, D. *The organizational state: social choice in national policy domains*. Madison, The Wisconsin University Press, 1987.
- MARQUES, E.; BICHIR, R.; PAVEZ, T.; ZOPPI, M.; MOYA, E. & PANTOJA, I. "Personal Networks and Urban Poverty: Preliminary Findings". *Brazilian Political Science Review*, vol. 2(1): 10-34, 2008.
- MARQUES, E. Estado e redes sociais: Permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Ed. Revan/Fapesp, 2000.
- MARQUES, E. Redes sociais, Instituições e Atores Políticos no governo da cidade de São Paulo. São Paulo, Ed. Annablume, 2003.
- MARQUES, E. "Elementos conceituais da segregação urbana e da ação do Estado". In: _____ & TORRES, H. *São Paulo: segregação, pobreza urbana e desigualdade social*. São Paulo, Ed. Senac, 2005, p. 19.
- MARQUES, E. *Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2009.
- MARQUES, E. *Do social networks matter for poverty?* Artigo apresentado no Encontro do RC21 "Landscapes of Global Urbanism: Power, Marginality, and Creativity" realizado em Tóquio, Japão, 2008.
- McPHERSON, M.; SMITH-LOVIN, L. & COOK, J. "Birds of a feather: homophily in social networks". *Annual Review of Sociology*, 27: 415-444, 2001.
- MISCHE, A. *Partisan Publics*. Princeton: Princeton University Press, 2008.
- MOORE, G. "Structural determinants of men's and women's personal networks". *American Sociological Review*, vol. 55: 726-35, 1990.
- NAZARENO, L. *Redes sociais e coalizão de poder em Curitiba (1985-2004)*. FFLCH/USP, Dcp, Dissertação de Mestrado, 2005.
- PAVEZ, T. *Políticas públicas e ampliação de capital social em comunidades segregadas: o programa Santo André Mais Igual*. FFLCH/USP, Dcp, Dissertação de Mestrado, 2006.

- SCHNEIDER, M.; SCHOLZ, J.; LUBELL, M.; MINDUTA, D. & EDWARSEN, M. "Building consensual institutions: networks and the National Estuary Program". *American Journal of Political Science*, 47 (1): 143-158, 2003.
- SCOTT, J. *Social Network analysis*. Newbury Park, Sage Publications, 1992.
- SILVA, M. *Redes sociais intra-organizacionais informais e gestão: um estudo nas áreas de manutenção e operação da Planta HYCO-8*. EA/UFBA, Dissertação de Mestrado, 2003.
- SIMMEL, G. "El cruce de los círculos sociales". In: _____ *Sociología, 2. Estudios sobre las formas de socialización*. Alianza Universidad, 1972 [1908], p. 41.
- SOARES, R. *Estado, segregação e desigualdade: Um estudo sobre o impacto das políticas de habitação a partir das redes sociais da favela Guinle, Guarulhos*. FFLCH/USP, Dcp, Dissertação de Mestrado, 2009.
- TOLEDO, D. *O empresariado paulista nos anos 90*. FFLCH/USP, Ds, Dissertação de Mestrado, 2005.
- WASSEMAN, S. & FAUST, K. *Social Network Analysis: Methods and Applications*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. São Paulo, UNB/Imprensa Oficial, 1999 [1922].

Anexo

Tabela 2 – Indicadores médios por tipo de rede

Indicadores	Tipos de redes				
	grandes	de grandes a médias	médias	de médias a pequenas	pequenas
Nº de nós	131	85	61	40	22
Nº de vínculos	282	176	123	84	36
diâmetro	8,0	7,6	7,2	5,7	4,8
densidade	0,049	0,046	0,078	0,105	0,176
coeficiente de clusterização	0,32	0,36	0,48	0,47	0,51
índice de centralização	16,9	20,6	31,2	39,3	54,6
Nº de 2-clans/No de nós	0,9	0,574	0,452	0,432	0,291
Nº de 3-clans/No de nós	0,5	0,401	0,302	0,259	0,182
tam. eficiente da rede ego	19,5	19,1	19,0	14,7	8,5
densidade da rede ego	20,0	23,5	20,4	16,3	9,9
grau médio	2,2	2,1	2,0	2,1	1,7
informação	1,08	1,27	1,16	1,58	1,33
índice E_I dos contextos	0,204	0,340	0,289	0,339	0,313
índice E_I das esferas	0,209	0,360	0,262	0,312	0,236
Nº total de contextos	4,6	4,8	4,7	4,5	3,8
Nº total de esferas	4,4	4,4	4,1	3,9	3,0
índice E_I de local	-0,335	-0,228	-0,211	-0,150	-0,067
Nº de casos	14	21	59	68	47
% de pess. externas ao local	31,4	31,2	38,7	39,7	35,4

Fonte: Cálculo próprio a partir de material empírico coletado.